

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



A cidade enquanto território agricultável para alimentos e relações sociais

Jackline Gomes Da Silva. Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail: jackline.silva@ufrpe.br

Simone Arimatéia De Souza. E-mail: projetosarimateia@gmail.com

Aniérica Almeida Dos Santos. Centro Sabiá; E-mail: anierica@centrosabia.org.br.

Samara Santana Dos Santos. E-mail: samarasantanasans@gmail.com.

Maria Sarah Cordeiro Vidal. E-mail: sarahvidal@yahoo.com.br.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Saúde e Sistemas Agroalimentares.

1 Introdução

Desde 2018 o Brasil retornou ao mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1 milhão e 455 mil domicílios de Pernambuco sofreram algum grau de insegurança alimentar em 2018, alcançando 52% da população do estado. Esses números alcançaram níveis ainda mais alarmantes no Nordeste do País, região com o maior número absoluto de indivíduos passando fome.

Como uma das inúmeras estratégias para mitigar essa estatística, o projeto Agricultura Urbana - Produzindo Comida de Verdade e Gerando Qualidade de Vida foi realizado entre os anos de 2022 e 2023 pelas Organizações Não Governamentais Casa da Mulher do Nordeste (CMN), Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá (Centro Sabiá) e Federação de Órgãos para Assistência Social e Educação (FASE/PE), com recurso da emenda parlamentar nº41750013, proposta nº 026052/2021 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Seu objetivo central foi promover a implantação e fortalecimento de iniciativas de agricultura urbana (AU) e periurbana (AUP) em potencial, ou existentes na Região

Metropolitana do Recife (RMR), e seu entorno. Tendo como foco a agroecologia e a Soberania, Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN) para melhoria da saúde e qualidade de vida, por meio da promoção de uma alimentação saudável e uso de ervas medicinais, envolvendo diretamente 280 agricultoras/es, em sua grande maioria mulheres, em 15 comunidades.

A abrangência territorial do projeto alcançou cinco municípios da RMR, sendo a maioria das comunidades localizadas em periferias/favelas. Entre as que participaram desse processo estão: em Recife - comunidade de Passarinho com 23 quintais produtivos, 14 quintais na comunidade do Totó, Horta das Mulheres Guerreiras da comunidade Palha do Arroz, Horta da Ocupação Carolina de Jesus, Horta das Margaridas na Ocupação Aliança com Cristo, Horta Marielle Franco Braço Forte na Ocupação 8 de Março, 10 becos produtivos na Ocupação Sítio dos Pescadores, Horta Semeando Resistência da Zeis Caranguejo Tabaiães, Horta Resistir é Preciso na Comunidade Vila Independência, Horta Sagrada no Terreiro de Pai Adão, Horta Popular Agroecológica Dandara; em Paulista - Horta Sementeira Esperança na Comunidade 15 de Novembro, Horta da Cozinha Solidária do Instituto de Educação e Esportes Reciclando Vidas da Comunidade Vale da Paz; em São Lourenço da Mata - Roçado do Acampamento Creuza Maria; em Jaboatão dos Guararapes - Sistema Agroflorestal (SAF) do Centro Cultural Lab Macambira.

Essa abrangência territorial serviu para mostrar o quanto a AU é diversa e que essa diversidade é solo fértil para a construção do conhecimento coletivo e a promoção da organização social conforme Soares (2023):

Projetos e articulações em curso têm contribuído para ampliar a compreensão de AU para além da produção de alimentos, considerando cada vez mais, aspectos sociais, políticos, culturais e ancestrais nos territórios urbanos nos quais as agriculturas são construídas. Neste percurso, a **agroecologia** tem se constituído como um dos principais campos de convergência com a AU, considerada um dos temas estruturantes para a construção de agendas de agricultura urbana e periurbana na escala municipal. A agroecologia também tem sido destacada pela capacidade de aglutinar pautas sociais e ambientais por muitas experiências e redes territorializadas em seus processos de luta envolvendo a agricultura urbana e o direito à cidade (...). O protagonismo histórico das mulheres, dos grupos populares, das populações negras e dos povos tradicionais, mostra a existência de muitas *agriculturas urbanas*, que, com suas distintas formas e denominações, convergem nas práticas de cuidado com o comum. (Soares, 2023, p. 24).

Boa parte das experiências envolvidas no projeto fazia parte, e outras começaram a fazer, da Articulação de Agroecologia, Agricultura Urbana e Periurbana da Região Metropolitana de Recife (AUP RMR), formada pela sociedade civil com representação de

coletivos/comunidades/territórios e ONG's que, desde 2018 tem se auto-organizado para a incidência política, fortalecendo os saberes e as conexões da sociedade civil – poder público pela garantia de políticas públicas de AUP no território da RMR. Atualmente, a AUP está estruturada em três Grupos de Trabalho (GTs) e uma coordenação colegiada. Nesse ambiente, é possível visibilizar as diversas agriculturas urbanas existentes no recorte urbano utilizado.

2 Referencial teórico

A cidade é um território fértil, onde se cultivam relações sociais, mas também onde sempre se cultivou comida de diversas formas, por isso fala-se em agriculturas urbanas. Este espaço agricultável para alimentos foi tomando outros contornos à medida que as cidades foram crescendo, e a agricultura foi sendo posta como uma atividade menor e destinada essencialmente as áreas rurais e periurbanas. Contudo,

Aumenta a população enquanto o acréscimo da alimentação não acompanha o ritmo do crescimento demográfico. Em todas as zonas tropicais do mundo procuram-se novos caminhos de preparo do solo, porque ficou evidente que não é o clima quente que impede uma produção adequada de terra mas, sim, o manejo errado de seus solos. (Primavesi, 2021, p. 347,.)

É possível observar esse fenômeno do adensamento demográfico acontecendo principalmente nos grandes centros urbanos, onde estão os desertos alimentares e há uma concentração maior de pessoas. Além de manejar adequadamente o solo e tecer redes, se faz, antes de tudo, necessário destinar solo para cultivo, áreas verdes onde as pessoas possam se encontrar e traçar as suas relações sociais, e possam também usufruir do contato com a natureza.

Estas experiências de AUP agroecológicas evidenciam como o sistema agroalimentar globalizado contribui para que as populações periféricas, em especial as mulheres, estejam em situação de insegurança alimentar e nutricional. Estes espaços de hortas coletivas e sagradas, roçados comunitários, quintais e becos produtivos fortalecem as relações sociais, melhoram a qualidade da vida e da alimentação destes grupos.

3 Metodologia

As ações previstas no Plano de Trabalho do Projeto, cuja metodologia proposta foi ancorada em métodos da educação popular dentro dos princípios freireanos, visava a construção e ressignificação dos saberes das/os participantes para o fortalecimento e visibilidade dos conhecimentos e experiências de AUP agroecológica da RMR. Nesse sentido, estavam previstos e foram desenvolvidos: Diagnóstico Situacional de Entrada (DSE), visitas/mutirões

de assessoria/acompanhamento semanal em cada localidade, 06 intercâmbios de saberes, Diagnóstico Situacional de Saída (DSS) e seminário final de encerramento com o 4º Encontro de Mulheres e Agricultura Urbana da RMR. A gestão foi conduzida por Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA), apoiado no teor do convênio e no plano de trabalho, em reuniões presenciais mensais, com participação das assessoras técnicas e coordenadoras das três instituições envolvidas. Para registro de todo o processo desenvolvido junto às/aos beneficiárias/os, foi utilizado o aplicativo do *KoboCollect* de coleta de dados, que pode ser realizada em celulares, tablets ou outros dispositivos que permitem a coleta de dados primários em emergências humanitárias e outros ambientes de campo desafiadores, contendo formulários com perguntas abertas e fechadas para o DSE e DSS (com questões da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar- EBIA), os relatórios, listas de presença e fotos das atividades realizadas.

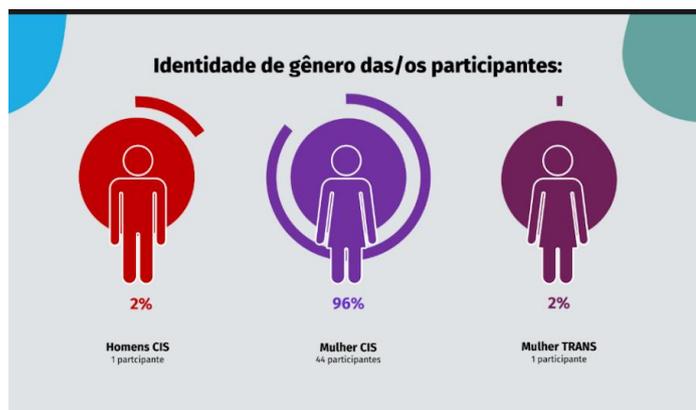
Para o dado coletado utilizando o aplicativo *KoboCollect*, verificou-se que as informações de localização podem ser obtidas utilizando o serviço de localização GPS (Sistema de Posicionamento Global) do próprio aparelho celular o qual faz a estimativa da posição do usuário a partir da disponibilidade de satélites no momento da coleta, assemelhando-se ao uso de um GPS de navegação. (Santos; Silva; Martins, 2021, p. 55-56.)

Em cada reunião mensal de PMA eram realizadas avaliações quantitativas e qualitativas do processo com o uso de *powerpoint* para apresentação de gráficos que cruzavam as metas do projeto com as atividades realizadas no mês, e diálogo em que eram apontados os aprendizados, as potencialidades e os desafios vivenciados no cotidiano das assessorias. Além dos números, a equipe trazia elementos qualitativos de cada comunidade, com base nos dados sistematizados e analisados, do *KoboCollect*.

4 Resultados e Discussão

No contexto brasileiro de Insegurança Alimentar (IA), é sabido que as mulheres são as mais impactadas, e quando se faz o recorte de gênero e raça, as mulheres negras são as principais afetadas, sobretudo no Norte e Nordeste do País. Esses dados são fundamentados em estatísticas sociais do IBGE, que apesar de em 2023 a Segurança Alimentar (SA) nos domicílios ter finalmente voltado a crescer, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio contínua (PNAD contínua), ainda assim os lares em situação de IA chefiados por mulheres negras é maior que 69%. Nesse cenário, a prioridade de participantes dos projetos assessorados pela organização feminista CMN, são mulheres negras como ilustra os gráficos abaixo.

GRÁFICO 1. Identidade de gênero de agricultor(a)urbano(as) participantes de quintais e becos produtivos.



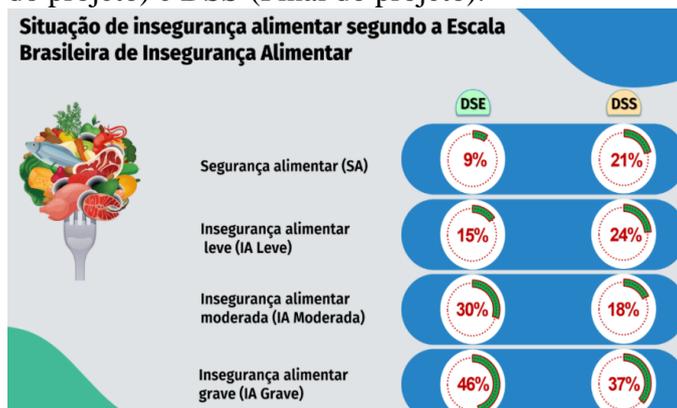
Fonte: Centro Sabiá (2023).

GRÁFICO 2. Dados étnico-raciais de agricultor(a) urbano(as) participantes dos quintais e becos produtivos.



Fonte: Centro Sabiá (2023).

GRÁFICO 3. Dados comparativos da EBIA para quintais e becos produtivos aplicados no DSE-(Início do projeto) e DSS-(Final do projeto).



Fonte: Centro Sabiá (2023).

Houve também melhoria na promoção da SA, e consequentemente bem-estar e saúde da população participante do projeto, uma vez que é relatado que a qualidade e quantidade dos alimentos consumidos pela família melhorou. Após o período da pandemia de Covid-19 a doação social de alimentos diminuiu bastante, por outro lado, a AU praticada em quintais produtivos estimulou abundantemente o autoconsumo das culturas semeadas nesses espaços. Arelado a isso, também se observou, a partir da construção de conhecimentos em torno da SSAN e do manejo agroecológico nos agroecossistemas (adubação orgânica, cobertura do solo, consórcio de culturas, uso de defensivos naturais, poda, entre outros) uma preocupação com o bem-estar e a saúde, construindo as conexões com as práticas de plantar, colher e comer.

GRÁFICO 4. Dados comparativos para quintais e becos produtivos relacionados a consumo e autoconsumo.



Fonte: Centro Sabiá (2023).

Os seis intercâmbios realizados contribuíram para as comunidades se conhecerem, bem como trocar e somar saberes. As temáticas debatidas em roda foram: Segurança Alimentar e Fome; Direito à Cidade, Alimentação Saudável e Eleições; Plantas medicinais, Fitoterápicos e a Medicina Popular; Agroecologia e os Povos Tradicionais; Mulheres, Plantas Medicinais e Práticas Integrativas de Saúde; Sistema Agroflorestal (SAF), beneficiamento e comercialização da produção agroecológica. A culminância do projeto foi realizada dentro do 4º Encontro de Mulheres e AU da RMR, o que foi essencial para fortalecimento tanto das experiências, quanto da AUP RMR, que ganhou um total de 8 novos territórios somados às pautas de incidência política para AU.

5 Conclusões

Tendo em vista os aspectos mencionados, é possível reforçar a importância dos processos que são construídos a partir da articulação em rede. No entanto, refletindo sobre o tempo de um ano para realização de um projeto que se propõe a impactar vidas de famílias

urbanas e de mulheres negras, incluindo mudanças que optam por hábitos alimentares mais saudáveis relacionados às práticas de AU, pode-se afirmar que este tempo é pouco.

Logo, a realização do 4º Encontro de Mulheres e AU da RMR, que culminou na inclusão de comunidades participantes do projeto na AUP RMR, foi fundamental para construir sentidos e sinergias relacionadas ao bem viver urbano, aproximando o conhecimento e a prática do cultivo agroecológico das práticas coletivas de resistência que viabilizam as lutas e permanência nos territórios.

Por fim, revela-se que as agriculturas urbanas de base agroecológica podem ser importantes estratégias para o enfrentamento à fome, o pertencimento ao território, a mitigação e resiliência ambiental que contribuem para minimizar os impactos das mudanças climáticas nas cidades.

6 Referências

KoBoCollect. (2020) [Aplicación móvil]. Google Play.
<https://play.google.com/store/apps/kobocollect>.

PRIMAVESI, Ana. **Manejo ecológico do solo:** agricultura em regiões tropicais, inclui adubação verde, 1ª ed. Nobel, 2021.

SANTOS, Patrícia; SILVA, Márcio; MARTINS, Alécio, (2021). **Aplicabilidade da ferramenta kobotoolbox para validação de mapeamento de classificação de cobertura e uso da terra.** Geografias Artigos científicos DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-549X.2021.34247>.

Soares Portela, L. *et al.* (2023) **Agriculturas urbanas agroecológicas e promoção de saúde: fortalecendo diálogos, memórias e redes.** Fundação Oswaldo Cruz.